

O Lobo Andarilho: Coexistência e Conflitos no Cerrado Brasileiro¹

Regina Horta Duarte²

RESUMO

A história do lobo-guará, espécie endêmica dos campos e cerrados de América do Sul, está interconectada com a de outros seres vivos e do meio físico, num marco temporal que se estende além da presença humana no continente. Este artigo se refere a essa história profunda, centrando-se nas múltiplas relações da espécie *Chrysocyon brachyurus* no Cerrado brasileiro. As fontes incluem informes naturalistas e artigos científicos, periódicos, literatura e redes sociais. Animal solitário e esquivo, o lobo-guará constitui e é constituído pelo seu entorno em inúmeras relações, estratégias de sobrevivência e alianças. Suas mais recentes trajetórias e agências ilustram os desafios e encruzilhadas da luta pela vida em tempos de aceleração destrutiva.

Palavras-chave: Aguará guazú; *Chrysocyon brachyurus*; história natural dos canídeos; coexistência no bioma Cerrado.

¹ A autora agradece a Fernando Costa Straube, Allan Alves, Sandro Dutra e Silva, Tom, CEA/UFMG e ao CNPq (Projeto 3005599/2020-8).

² Doutora em História Social (UNICAMP). Professora do Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. ORCID: 0000-0003-0808-5435. E-mail: reginahortaduarte@gmail.com

Felix de Azara amarrou o filhote de *aguará-guazú*. Esse era o nome dado pelos nativos guaranis, e Azara traduziu como “*zorro grande*”. Tentou alimentá-lo com carne crua; vendo que ele vomitava, trocou por carne assada, sem muito sucesso. Descobriu que lhe agradavam ratones, cana-de-açúcar, laranjas, ovos e passarinhos. O animal grunhia e ladrava com veemência; após um mês de agonia, rompeu a corda e escapuliu. Azara sugeriu que *aguarás-guazús* se alimentavam ainda de caracóis, rãs, répteis e outros animais pequenos que abundavam pelos campos abertos por onde vagava. Conseguiu um exemplar adulto, cuja morfologia descreveu com minúcia, relatando a infestação do seu rim por seis vermes imensos³ (Azara, 1802, p. 266-271).

Azara – enviado por Carlos III, entre 1781 e 1801, para estabelecer os limites cartográficos dos domínios hispânicos – foi o primeiro europeu a sistematizar informações sobre a história natural do Paraguai (Gasparri; Athor; Avila, 2017, p. 19-48). Entusiasta da ilustração, dedicava-se aos conhecimentos zoológicos (entre outros), longe de superstições e fantasias, oferecendo dados concretos. Azara passou à história natural como pioneiro da descrição do *aguará-guazú*.

No território português do mesmo continente, a milhares de quilômetros, o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira viajava a mando de D. Maria I, entre 1783 e 1792. Se na Amazônia não viu lobos, nem deles ouvir falar, relatou que existiam em abundância na capitania do Mato Grosso, região central do Brasil. Suas memórias incluem um desenho não muito fidedigno desse animal. Denominou-o simplesmente “lobo” ao discorrer sobre os animais do gênero *Canis* presentes nas áreas que percorreu (Ferreira, 1972, p. 161).⁴

A descrição pelo sistema de nomenclatura binomial foi realizada por Johann Illiger, diretor do Museu Zoológico de Berlim, hoje parte do Museum für Naturkunde. Numa conferência de 1811, publicada quatro anos depois, classificou-o como *Canis*

³ Tratava-se do *Diocotophyme renale* (Goeze, 1782). Na América do Sul, paleontólogos detectaram contaminação de animais por esse nematódeo em fósseis de 6.540 anos atrás. Ainda hoje, esses parasitas são ameaça para os lobos-guará, entre outros mamíferos (Fugassa *et al.*, 2013, p. 175-178; Eiras *et al.*, 2021, p. 1-19).

⁴ Os manuscritos de Alexandre Rodrigues Ferreira foram publicados em 1972, mais de duzentos anos após a elaboração dos originais.

brachyurus, indicando, por décadas, seu pertencimento ao mesmo gênero dos lobos e cães de variadas regiões do mundo (Illiger, [1811]1815, p. 109, 121).

Outros naturalistas também se sentiram atraídos pelo animal e competiram por sua descrição. Georges Cuvier igualou, erroneamente, o *aguará* de Azara ao *Canis mexicanus* – esse último referido por Linnaeus com base na menção do naturalista espanhol Francisco Hernandez ao *Xoloitzcuintle*, o cão dos Astecas (Cuvier, 1817, t. I, p. 154; Hernandez, 1651, p. 479).⁵

A confusão de Cuvier acabou reforçada por naturalistas que percorreram os vastos campos no Brasil. Spix e von Martius, escrevendo sobre as sonorizações de animais noturnos na Província de Minas Gerais, em 1818, destacaram “o latido do lobo em sua ronda”, nomeando-o *Lupus mexicanus* (Spix; Martius, 1824, p. 163). Georg Langsdorff caçou um lobo-guará na província de São Paulo, em 1826. Taxidermizou-o e descreveu-o como *Canis mexicanus* (Langsdorff, 1997, v. II, p. 215)

Anselme-Gaëtan Desmarest distinguiu-o definitivamente da espécie mexicana ao nomeá-lo *Canis jubatus* (1820, p. 198-199). Maximilian von Wied-Neuwied, em expedição ao Brasil entre 1815 e 1817, impactado pelas vocalizações noturnas do animal, coletou um exemplar adulto e propôs, em 1826, a mudança do nome para *Canis campestris*, considerando seu hábito de viver pelos campos abertos (Wied-Neuwied, [1820]1940, p. 392; Wied-Neuwied, 1826, p. 334; Avila-Pires, 1965). Auguste de Saint-Hilaire, em expedição ao Brasil em 1819, ficou igualmente impressionado com os uivos noturnos do lobo-guará. Adotou a nomenclatura proposta por Wied e depositou um crânio do animal no acervo do Muséum National de l'Histoire Naturelle (Saint-Hilaire [1844]1937, p. 160; Saint-Hilaire, 1847, p. 155-156).⁶

Se tantos incluíram o animal no mesmo gênero dos lobos, o belga Charles Smith – um misto de militar/estilista de uniformes/antiquário/naturalista – propôs que o maior canino selvagem da América do Sul, o “*aguará* de juba”, pertencia a outro gênero, e chamou-o de *Chrysocyon jubatus*. Em grego, a combinação de *khrysos* + *kyon* (Χρυσός

⁵ Cuvier desenhou-o com uma juba, entrando em contradição, já que o cão nativo mexicano não possui pelos (Cuvier, 1817, t. IV, lám. 1). Essa suposição surgiu em conversa com o naturalista e ornitólogo Fernando Costa Straube, a quem devo a localização de inúmeras obras raras. Sua ajuda foi inestimável, mas ele não tem qualquer responsabilidade pelas afirmações feitas neste artigo nem pelos eventuais erros.

⁶ No museu francês, o crânio coletado por Auguste de Saint-Hilaire tem a referência MNHN-ZM-AC-A1630.

+ Κύων) significa “cão dourado”, provavelmente uma alusão ao cão criado pela deusa grega Rhea para proteger o menino Zeus e a cabra que o amamentava, escondidos em Creta, longe da fúria devoradora de Cronos. Mesmo assim, muitos continuaram a classificá-lo no gênero *Canis*, até que, em 1919, Wilfred Osgood, do Field Museum of Natural History, em Chicago, apontou a necessidade inadiável de mudança da nomenclatura para *Chrysocyon brachyurus*, em substituição às anteriores, propostas por Azara, Desmarest, Wied e outros (*brachyurus*, também do grego, significa “cauda pequena”). Desde então, essa descrição estabeleceu um novo gênero na família Canidae, hoje confirmado pela biologia molecular (Fontoura-Rodrigues; Eizirk, 2013, p. 78-80).

Essa breve e incompleta “história da história natural” do lobo-guará (como popularmente conhecido no Brasil) mostra que ele não é um zorro, não é mexicano e nem sequer é propriamente um lobo. Animal noturno, solitário, monogâmico, onívoro (grande devorador de frutas), pesando entre 20 e 33 quilos, é difícil de ser observado; sua presença muitas vezes pode ser adivinhada pelas sonorizações que invadem as noites dos viajantes e moradores dos sertões. Suas populações concentram-se no bioma Cerrado, mas ocorrem também nas áreas de campos, pampas, e nas planícies alagadas do Pantanal em países como Paraguai, Uruguai, Argentina, Bolívia e Brasil. Nessas largas extensões, encontra-se atualmente extinto ou ameaçado (Paula; Gamabarini, 2013, p. 29-37).

Nas muitas histórias do lobo-guará, eles não são simples objeto da ação humana, nem são seres estáticos. Tampouco são atores individuais conscientes, que meramente resistem; isso implicaria humanizá-los e projetar neles nossa percepção e nossa forma de atuar no mundo (Pearson, 2015, p. 713). São seres ativos, que se constituem numa miríade de relações com outros seres e com o ambiente físico, ao longo do largo tempo de sua história pela América do Sul. Recentemente, a resiliência dessa espécie e suas estratégias de adaptação e sobrevivência têm surpreendido os biólogos da conservação. Esse *vir-a-ser* relacional no tempo e no espaço constituiu o lobo-guará como animal dotado de história além das tradicionais binaridades que separam natureza e sociedade, mundo natural e mundo humano e, com ousadia no viés transdisciplinar de análise, história natural e história.

Chrysocyon bracyurus tem desempenhado papéis diversos: intermediário entre humanos e outras dimensões da natureza e do sagrado, moeda de troca em diferentes condições e contextos, *superstar* de destino turístico, semeador do Cerrado e espécie “guarda-chuva” nas ações conservacionistas. Apesar de seus habitats estenderem-se às áreas de vários países sul-americanos, este artigo privilegiará o bioma Cerrado como recorte espacial de análise.

O conceito de Cerrado como bioma é algo recente nos estudos sobre as paisagens e fitofisionomias no Brasil (Dutra, 2023, p. 1-13). Nas primeiras décadas do século XIX, von Martius diferenciou áreas de campos limpos daquelas com árvores esparsas e arbustos (campos cerrados). O botânico Eugen Warming, no Brasil entre 1863 e 1866, dedicou-se ao estudo do que classificou como campos abertos e cerrados em Minas Gerais (Cavassan; Weiser, 2020, p. 175-193; Warming, 1908, p. 34-109).

O conceito de bioma surgiu mais tarde no cenário internacional: em 1943, o norte-americano Frederic Clements definiu bioma como uma unidade biológica e geográfica com características específicas de macroclima, fitofisionomia, solo e altitude. Uma vez disponível para a comunidade científica brasileira, a construção histórica do conceito de bioma Cerrado expandiu-se a partir dos anos 1960. Em 1975, o governo brasileiro fundou o Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados, especialmente focado no desenvolvimento de tecnologia para agricultura de grãos e pecuária, consagrando esse bioma como promissora fronteira agrícola (Dutra, 2023, p. 1-13; Duarte, 2024, p. 320-321).

O lobo-guará é um dos mais emblemáticos habitantes do Cerrado brasileiro, que concentra a maior parte de sua população continental. Esse animal tem sido ator crucial nas disputas de dimensões econômicas, sociais, políticas e ambientais. Seu futuro está ligado ao destino desse bioma e de muitos humanos – indígenas, ribeirinhos, agricultores familiares e quilombolas – cujas formas de vida e trabalho encontram-se igualmente ameaçadas.

ANDANÇAS E ENCONTROS

Os caminhos dessa criatura remontam a cerca de cinco milhões de anos, quando seu ancestral *Chrysocyon nearcticus* vivia na América do Norte, como indica a descoberta de fósseis em áreas hoje pertencentes ao Arizona e à Califórnia (Tedford *et al.*, 2009, p. 83-88).

A consolidação do Istmo do Panamá, há aproximados três milhões de anos, pôs fim a uma longa era de isolamento da América do Sul, desde o movimento das placas tectônicas que a tinha separado da África. O istmo abriu oportunidades para que *Chrysocyon*, outros animais e plantas participassem no que se convencionou chamar de Grande Intercâmbio Biótico Americano. Esse foi um longo processo de mudanças biogeográficas, transformando radicalmente a vida por toda a América, ao norte, ao centro e, especialmente, ao sul. O intercâmbio estendeu-se por milhões de anos e foi composto de sucessivas levas (Cione, 2015, p. 9-14; Marshall, 1988, p. 380-388).

Pairam dúvidas sobre quando ocorreu a especiação de *Chrysocyon brachyurus*, se antes, durante ou depois de sua chegada à América do Sul. Mas o certo é que o animal imigrou e aqui coexistiu e se constituiu junto a outros animais e plantas. Evolveu características anatômicas, fisiológicas e comportamentais em negociação com o meio físico, adaptando-se especialmente à vegetação savânica predominante no continente no Pleistoceno Superior (115 mil a 13 mil anos A.P.) (Ab'Saber, 1977, p. 1-19)

A partir do fim da última glaciação do Pleistoceno (cerca de 15-13 mil anos A.P.), o aumento da temperatura e da umidade favoreceu a expansão de áreas onde se concentravam refúgios de florestas tropicais, originando a formação das Florestas Atlânticas e Amazônica. As savanas perderam extensão e, conseqüentemente, regrediu a área de hábitat do lobo-guará (Paula; Gambarini, 2014, p. 25-27; Sillero-Zubiri, 2014, p. 4-5; Webb, 1991, p. 266-280). Nesse mesmo período, estudos genéticos mostram evidências de uma redução drástica da população do animal (Prates, 2008, p. 14). Paralelamente, a extinção da megafauna no continente eliminou carnívoros predadores, como *Smilodon populator*, assim como vários grandes herbívoros que viviam em territórios comuns ao lobo-guará (Barnovsky; Lindsey, 2010, p. 10-29; Cabral, 2014, p. 39). Mudavam as paisagens, o solo, a vegetação, a fauna, mas o lobo-guará

resistiu a tudo; ele sobreviveu como a única espécie do gênero *Chrysocyon* em toda América.⁷

Quando os seres humanos chegaram à América do Sul,⁸ *C. brachyurus* já era um animal dinâmico, envolvido em muitas relações. Besouros coprófagos rolavam suas fezes pelos caminhos subterrâneos que cavavam no solo, fertilizando-o, favorecendo microrganismos, descompactando o solo, tornando-o mais permeável e “plantando” as sementes das frutas que o lobo-guará comia.⁹ Ele desenvolveu habilidades para caçar roedores, aves, moluscos, peixes e répteis. Passou a contar, em algum momento, com a companhia interessada do falcão de coleira (*Falco femoralis*), que o seguia de perto para, no caso de o lobo-guará caçar um animal, tentar – num voo rasante – capturar sua presa. O lobo estabeleceu, ainda, cooperação com muitas plantas frutíferas. Elas forneciam-lhe frutos que o animal digeriria e defecava magnificamente, adubando a terra ao longo de sua área de vida, que pode atingir mais de 100 quilômetros. Entre essas frutas, a preferida foi nomeada pelos humanos locais em sua homenagem: a fruta-do-lobo (*Solanum lycocarpum*). Seu paladar, contudo, selecionou vários tipos de frutas na diversidade da vegetação que, ao longo dos milênios, as ações do lobo-guará ajudaram a construir. (Silveira *et al.*, 1997, p. 201-202; Paula; Gambarini, 2013, p. 56; Motta-Junior *et al.*, 2014, p. 87-98).

Ao tornarem-se mais uma espécie animal na América do Sul, os humanos integraram-se a processos ininterruptos de transformação em redes conectadas de solos, rios, plantas e animais outros. Para os humanos caçadores, outros animais eram muito mais proveitosos para a alimentação do que o lobo-guará. Esse magro canídeo – tímido, arreado, onívoro – não formava matilhas como os lobos da América do Norte e não representava ameaça às vidas dos homens. Somados a isso, seus hábitos crepusculares e noturnos tornaram plausível a suposição de que os encontros presenciais com humanos não fossem tão frequentes, e que as duas espécies tenham convivido sem maiores conflitos por milhares de anos. Mesmo com a dificuldade para observá-lo diretamente, entretanto, constatavam suas pegadas, suas fezes, o cheiro de

⁷ Estudos apontam que, com a extinção de grandes herbívoros, toneladas de fitomassa deixaram de ser consumidas (Cabral, 2014, p. 38). Teria o desaparecimento de predadores e de rivais no consumo de plantas beneficiado o lobo na sua luta pela sobrevivência, naquele momento crítico?

⁸ O fóssil humano mais antigo encontrado na América do Sul tem cerca de 11,5 mil anos (Neves; Hubber, 2012)

⁹ Muitas espécies de besouros têm preferência alimentar pelas fezes do lobo-guará, como demonstraram Gigliotti *et al.* (2022, p. 102-120).

sua urina, seus vestígios. Por fim, seria impossível ignorá-lo, à noite, pelas suas retumbantes vocalizações.

A dificuldade do encontro de humanos com o lobo-guará faz-se notar até no caráter recente dos estudos biológicos sobre o animal nos vários países onde ele habita (Queirolo, 2014, p. 195; Beccareci, 2015, p. 16). As primeiras investigações sistemáticas datam do final dos anos 1970, quando James Dietz, do Instituto Smithsonian, mudou-se para uma cabana na Serra da Canastra, em Minas Gerais, coletando informações (Dietz, 1984; Dietz, 1985). No seu caderno de campo, Dietz anotou, num entardecer da primavera de 1978:

“como de costume eu estava tomando meu banho no riacho atrás de nossa casa (...). Deparei-me com um grande lobo que me observava da beira do rio. O lobo estava com a cabeça baixa e a crina arrepiada. Após alguns segundos, ele se virou e foi se afastando devagar. Logo depois de sua partida, comecei a refletir quem estava estudando quem por ali”. (Dietz, 1978 *apud* Paula; Gamberini, 2013, p. 192)

A percepção de que o lobo-guará observa os humanos, tal como colocada pelo zoólogo, desperta a lembrança de um evento vivido, em 1989, por esta autora que escreve. Turistas que viajam pelo Cerrado em Minas Gerais depararam-se com o Santuário do Caraça, antigo colégio interno dirigido por padres vicentinos. Em 1968, o prédio pegou fogo, o colégio fechou. A igreja sofreu um período de esquecimento, quebrado apenas pelos padres e alguns peregrinos. Em 1982, o padre Tobias notou que alguém revirava seu lixo; descobriu que era um lobo-guará. Passou a atraí-lo para cada vez mais perto do adro da Igreja com generosas porções de carne e habituou o animal a alimentar-se ali todas as noites, em sua presença. A partir daí, construiu-se uma hospedaria para turistas que desejassem assistir ao “show” noturno do lobo com o padre (Duarte; Ostos, 2023, p. 179-182).

Visitei o local em 1988. Naquelas noites, o lobo não quis comparecer, a despeito dos altos chamados do padre. Certamente o ouviu, pois tem uma audição apuradíssima. Na manhã seguinte, decidi ir a uma das cachoeiras da região. O sol era ainda ameno, não havia outros humanos na trilha. Senti uma presença, não sei se pelo estalo de algum graveto, ou pela identificação inconsciente de algum odor ou perigo. Olhei atrás de um

arbusto e vi que um lobo-guará me seguia de perto. Descoberto, ele disparou em uma corrida. Pensei imediatamente como eu, invasora matutina de seu território, tornei-me objeto de sua curiosidade e de seu controle dos meus passos.

As experiências vividas por Dietz, pelo Padre Tobias e por mim integram a miríade de encontros entre lobo-guará e humanos e representam a mútua observação ao longo de milhares de anos. Esses e muitos outros seres moldaram-se reciprocamente, *vindo-a-ser* em múltiplas interações e afetos (Cockram; Wells, 2018, p. 7; Harraway, 2008, p. 27).

O LOBO COMO INTERMEDIÁRIO

Os aulidos do lobo-guará são uma “chamada de longa distância”, um sistema de sinalização entre indivíduos distantes entre si. Assumem função comunicativa entre machos, e a altura e duração dos aulidos expressam força e disposição de lutar na defesa do território. Entre os casais, usualmente monogâmicos, avisam sobre a entrada da fêmea no período fértil (entre abril e julho) e, mais tarde, sobre os primeiros cuidados com a prole. Estudos demonstram que o lobo-guará é capaz de identificar os indivíduos emissores das sonorizações distantes (Rocha *et al.*, 2017; Balieiro; Monticelli, 2018; Paula, 2021).

Como foi visto, naturalistas e viajantes do século XIX recorrentemente relatam a forte impressão causada pelas vocalizações do lobo-guará. Literatos mencionam essas vocalizações como elemento constitutivo das tramas, como Guimarães Rosa, que narrou uma noite de angústia e incerteza dos protagonistas do romance *Grande Sertão: Veredas*, no cenário do sertão profundo, “lugar vazio de moradas e de terras lavradas”, onde apenas se ouviam os “gritos de penitência do lobo-guará” (Rosa, [1956]1994, p. 276).

Talvez a expressão de potência e vitalidade constituintes dos aulidos do lobo-guará tenha influenciado para que alguns humanos o elegessem como uma espécie de intermediário entre eles e o mundo sobrenatural. Nessa atribuição, pedaços dos corpos dos lobos eram valorizados como detentores de certas propriedades. No sertão brasileiro, o olho, arrancado do animal vivo, tornava-se amuleto cobiçado, pois

realizaria os desejos de quem o possuísse (Lenka, 1958, p. 616; Paula; Gamberini, 2013, p. 122-141). O naturalista Langsdorff, viajando por São Paulo em 1825, relatou que seus guias levavam dentes de lobo para prevenir ataques de serpentes (Langsdorff, 1997, p. 26, 250).¹⁰

Outras práticas mais mundanas também elegeram o lobo como intermediário. Foi homenageado num selo lançado em 1982 pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Entre 1993 e 1994, estampou a moeda de cem cruzeiros, em tempos de hiperinflação no Brasil, que fechou aquele ano em 2.477%. Enfim, o animal circulou nas mãos de brasileiros como espécie em extinção, mesmo que a intenção de valorizá-lo necessariamente não lograsse sucesso efetivo.

O lobo foi objeto de relações ilegais de comércio, integrando a triste lista de animais silvestres vendidos em pedaços, ou vivos. Notícias de seu comércio são antigas, muito antes de essa prática ser enquadrada como crime de tráfico, a exemplo do relato de Theodore Roosevelt que, em 1913, ao visitar uma fazenda no Mato Grosso, presenciou o comércio de peles, entre as quais a “do grande lobo vermelho de dentes miúdos” (Roosevelt, 1914, p. 122).

O lobo-guará foi incluído nas listas de fauna ameaçada no Brasil em 1973 (IBDF, 1973).¹¹ Entretanto, a realidade continuaria ameaçadora. Em 1975, no interior de São Paulo (Ribeirão Preto), a Secretaria Especial de Meio Ambiente flagrou fazendeiros capturando lobos para levá-los ao prefeito, que os vendia para uma empresa de comércio de animais. A ação foi coibida de pronto, pois era absolutamente ilícita. O destino dos animais seria o mercado internacional, onde seriam vendidos a cerca de mil dólares cada um. Em 1985, na cidade de São Paulo, a polícia florestal apreendeu partes do lobo em laboratórios de cosméticos, assim como remessas ilegais de suas peles para a Europa pelo aeroporto de Guarulhos.¹²

¹⁰ No Paraguai, o médico Carlos Gatti, em 1956, relatou que populações locais usavam a tibia do animal como amuleto contra picadas de cobra (Cartes *et al.* 2014, p. 238). Até hoje, na Bolívia, ainda ocorre o uso de pedaços do lobo contra bronquite, osteoporose, câncer, mau-olhado, picadas de cobra ou para atrair o amor (Muir; Emmons, 2012, p. 98-99). Em Santa Fé, na Argentina, a pele era usada contra hemorroidas (Soler, 2014, p. 205).

¹¹ Outros países também estabeleceram a urgência de proteção legal a *C. brachyurus*: o Uruguai, em 1996 (Decreto 164/96), e a Argentina, em 1997 (Decreto 667/97). O animal tornou-se espécie-monumento nas províncias argentinas de Corrientes, Chaco e Santa Fé, respectivamente, em 1992 (Decreto 1.555), 1996 (Ley 4.306) e 2003 (Ley 12.182).

¹² “Ribeirão Preto não exporta lobo-guará”. *O Estado de S. Paulo*, ano 96, n. 30.841, 9 out 1975, p. 28; “Apreendido contrabando de 2,5 toneladas de peles”. *O Estado de S. Paulo*, ano 106, n. 33.886, 30 jul 1985, p. 46.

Estampado nas cartas ou moedas, seccionado ou vivo, o lobo-guará continua suas andanças – são, todavia, caminhos trilhados de maneira compulsória. A seguir, abordarei como, nesses e em outros contextos perigosos, ele tem audaciosamente se lançado a ativas prospecções e experimentações na luta pela vida.

“I WILL SURVIVE”: ESTRATÉGIAS E OUSADIAS

Muitos fatores têm sido ainda mais decisivos na ameaça à espécie *Chrysocyon brachyurus* do que o tráfico, não apenas no Brasil, mas por toda a América do Sul: a destruição dos habitats – pelo avanço da agricultura, pelo aquecimento climático, por incêndios, pela urbanização crescente –, a caça (pois são vistos negativamente como “bichos de mau agouro” ou como comedores de galinhas), o atropelamento nas estradas que cruzam seus territórios, a contaminação de suas presas e da água por agrotóxicos, a proximidade com animais domésticos que podem transmitir doenças (Paula; Desbiez, 2014, p. 20-25; Queirolo, 2014, p. 197-198; Soler, 2014, p. 204-207; Emmons, 2014, p. 224-230; Cartes, 2014, p. 243-245).

Nessa verdadeira pilhagem do território pelo homem e por espécies exóticas como soja, cana, milho e bois, os lobos-guará têm sido surpreendentemente resilientes e criadores de estratégias para adaptar-se às novas paisagens rurais. Esses animais incluíram a cana como alimento e o canavial como esconderijo; caçam galinhas, delineiam sua área de vida entre reservas ecológicas e fazendas, migram em direção às bordas de áreas de matas tropicais degradadas, onde a vegetação tem-se tornado mais baixa e espaçada (Paula, 2020a; Paula, 2020b; Queirolo *et al.*, 2011, p. 297-296). Aproximam-se do ser humano quando a proximidade pode trazer alguma vantagem. Exemplo disso são os lobos da Serra do Caraça, em Minas Gerais, anteriormente mencionados, que superaram seu caráter esquivo, subindo curiosos as escadarias da igreja, observando tudo ao seu redor e recebendo refeições sob os olhares maravilhados de turistas do mundo todo. Graças ao estrondoso sucesso da “hora do lobo”, como o evento ficou conhecido, uma área de mais de 11 mil hectares no entorno da igreja foi perpetuada como Reserva Particular de Proteção Permanente, sob responsabilidade do governo federal brasileiro, desde 1994 (Ibama, 1994).

O caráter andarilho do animal coloca-o em situações mais frequentes de conflito à medida que seus habitats diminuem. Quando um filhote atinge a idade de 2,5 a 3 anos, ele sai em busca de seu próprio território. Entretanto, a ousadia de ocupar áreas antropizadas tem um alto custo, como o estresse detectado pelos pesquisadores em exames de fezes coletadas, que fragiliza sua saúde e os torna mais vulneráveis, com menor expectativa de vida (Paula, 2016, p. 152). Nessa caminhada, ele se deparará com plantações e pastos, homens com armas de fogo, estradas com veículos em alta velocidade, cercas de arames farpados nas quais por vezes se enroscará, ácaros causadores de sarna (*Sarcoptes scabiei*), cidades com seus ruídos, detritos e luzes causadores de grande confusão em seus sentidos.

Mesmo quando nascidos nos parques nacionais de proteção integral, é impossível que observem as fronteiras definidas pela legislação que criou tais delimitações. Eles tampouco se movem apenas por fome: a prospecção do território também é guiada pela curiosidade e pela intenção de conquista. Ao ultrapassarem os limites dos parques, entram em áreas perigosas que, nas palavras de um grande estudioso, são verdadeiros “sumidouros” de animais silvestres (Paula, 2016, p. 196). Enfim, pagam um preço muito caro pela audácia do desbravamento.

A destruição do Cerrado tem crescido vertiginosamente desde o último quartel do século XX, quando as iniciativas ligadas ao agronegócio elegeram a região para o plantio de grãos e a expansão da pecuária. Esse bioma complexo abriga várias fitogeografias que se estendiam por 198 milhões de hectares (23,3% do território brasileiro). Em 1985, a vegetação nativa havia-se reduzido a 133 milhões de hectares. Em 2023, ela ocupava apenas 101 milhões de hectares. A velocidade da destruição é impressionante: em 2023, a média diária de desmate foi de 3.942 hectares por dia, totalizando 1.110.326 hectares (Relatório, 2024, p. 44; MapBiomas, 2024). Considerando a homogeneização das paisagens por monoculturas e gado, a área recebe, por ano, cerca de 600 milhões de litros de pesticidas que contaminam águas, solos, animais e plantas (Egger, 2021, p. 49), ou seja, toda a rede de coexistências em que se inclui o lobo-guará.

Também a expansão urbana gera situações de perigo. Do total de formações naturais convertidas em áreas urbanizadas no Brasil entre 1985 e 2022, o Cerrado teve uma taxa de urbanização média anual de 3,2% ao ano, totalizando 0,9 milhão de hectares urbanizados (MapBiomas, 2023, p. 11). A expansão de bairros populares e condomínios de luxo privados no entorno dos núcleos urbanos torna os encontros conflituosos de humanos com lobos-guará – cada vez mais frequentes – em eventos trágicos, resultantes da prospecção do animal por territórios num mundo em deterioramento ambiental.

Alguns casos noticiados na imprensa podem ilustrar as dimensões históricas desse problema. Em 1977, um lobo-guará invadiu uma agência de veículos próxima a uma rodovia na cidade de Bauru, em São Paulo. Sua chegada causou alvoroço, e o animal acabou entrando no almoxarifado da loja e quebrando vários objetos em sua agitação. Os bombeiros foram acionados; visivelmente despreparados para lidar com a situação, enlaçaram o animal com um fio de aço, causando-lhe vários ferimentos. Levado para um zoológico próximo, recebeu atendimento veterinário. Ainda doente, foi exposto à visitação de mais de cinco mil curiosos, muitos com câmeras fotográficas, além da imprensa. Acabou morrendo intoxicado pelos medicamentos (e, provavelmente, pelo estresse vivido), o que indica tanto a exígua experiência veterinária com animais silvestres à época quanto a insensibilidade dos muitos humanos envolvidos.¹³

Em um domingo de 1993, habitantes do bairro Sapopemba, periferia da zona leste da cidade de São Paulo, foram surpreendidos pela aparição de um lobo-guará à beira do córrego local. Chamaram a emergência e logo chegaram dois carros do Corpo de Bombeiros, um da Guarda Civil, outro do Departamento de Zoonoses da Prefeitura e um do Zoológico de São Paulo, além dos carros da imprensa, prontamente rodeados por centenas de curiosos. A perseguição estendeu-se por cerca de três horas, e a captura ocorreu no trem fantasma de um parque de diversões, onde o lobo se refugiou.¹⁴

Na cobertura jornalística, as respostas dos moradores locais aos repórteres foram significativas. O feirante Francisco gritou que o bicho não podia ser preso, pois tinha que voltar para a casa dele: a mata. O técnico do Departamento de Zoonoses

¹³ “Lobo é atração em Bauru”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 98, n. 31.404, 4 ago 1977, p. 27.

¹⁴ Fugitivo: bombeiros capturam lobo em Sapopemba”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ano 114, n. 36.531, 25 out 1993, p. 18.

declarou a importância de examinar o animal para detectar eventuais doenças transmissíveis. Um funcionário do parque de diversões afirmou ser tão macho que, se preciso, pegaria o lobo à unha. Outros entrevistados declararam-se decepcionados, pois o lobo nada tinha de cruel e ameaçador, e mais parecia um cachorro grande. Uma menina expressou muito medo, pois aquele seria mesmo o lobo mau da história da Chapeuzinho Vermelho. Outra criança passou de entrevistada à entrevistadora e indagou aos repórteres como um lobo mau podia aparecer assim tão de repente na cidade. O lobo foi, ao fim, encaminhado ao Zoológico; dessa vez, havia uma equipe de médicos veterinários especializados em vida silvestre, que o abrigaram e alimentaram adequadamente até a avaliação da possibilidade de soltura.

Um elemento evidente nessa notícia é o estigma secular que o lobo carrega em nossas sociedades cristãs e ocidentais. Séculos antes do lobo capturado no trem fantasma do parque de diversões na zona leste de São Paulo, um dos fundadores do Colégio de São Paulo – edificação que originou a cidade de mesmo nome –, o jesuíta espanhol José de Anchieta, missionário no Brasil entre 1553 e 1597, evocava lobos sempre como metáfora do mal. Nos seus sermões e nas suas pregações de catequese, eram apontados como seres famintos, carniceiros, violentos, cruéis – crudelíssimos –, desejosos de se fartar de carne de cristãos, despedaçadores, tragadores, vorazes, infernais, sempre com as bocas abertas para engolir, além de soberbos e roubadores (Anchieta, [1554-1594]1933).

Assim, a denominação inicialmente imprecisa desse canídeo sul-americano como pertencente ao mesmo gênero dos lobos europeus estendeu-lhe a visão negativa que recai sobre os últimos. Esse estigma tem sido um elemento a mais nas turbulências que o lobo-guará enfrenta na luta pela sobrevivência, como ilustra o evento de 1993, do indivíduo que ousou beber água no córrego de um bairro periférico da maior metrópole da América Latina, na época com cerca de 16 milhões de habitantes humanos.

ENTRE O PESADELO E AS ALIANÇAS

Sir Richard Burton, cônsul inglês no Brasil entre 1865 e 1869, descreveu sua empolgação ao acampar nos campos cerrados de Minas Gerais, numa viagem de exploração e aventura. A noite caía, ouvia-se o ronco das águas na cachoeira próxima. Diante dele e de seus companheiros, o rio deslizava em seu azul profundo, refletindo os reflexos escuros da vegetação ciliar. Ao longe, o aulido do lobo-guará compunha a magia do instante. Para Burton, nada mais belo, em seu tempo, do que palmilhar o Novo Mundo. Simultaneamente, o êxtase daquele momento completava-se com o sonho de como seria tudo aquilo no futuro: aquelas paisagens, suas cores e seus sons seriam parte de um passado a ser esquecido e sepultado ao longo das décadas vindouras, quando a região, “Terra da Promissão, expressão do Infinito” (Burton, 1869, p. 54-55), seria aberta às nações, em realizações de grandeza. O rio consistiria, então, na artéria vital do comércio e do progresso, e o nervoso burburinho humano amorteceria as sonoridades bucólicas que outrora rompiam o silêncio profundo daqueles sertões.

O sonho de Burton é nosso pesadelo, pois o Cerrado tem sido vertiginosamente desmatado, queimado e contaminado, especialmente nas últimas décadas. Como previu o viajante inglês, o aulido do lobo guará tem sido silenciado. Contudo, além da morte galopante do bioma, de seus animais, suas plantas, suas águas e seus solos, que movimentos reafirmam e potencializam a vida? Há muitas histórias divergentes que precisamos contar e valorizar em seu potencial criativo e transformador.

Convivências diversas acenam com alianças possíveis entre fauna, flora, solo, águas e humanos, coexistências que incluem indígenas, quilombolas, pequenos agricultores, pescadores e extrativistas artesanais. Nem sempre tais comunidades detêm o reconhecimento legal de suas terras, e têm sido repetidamente oprimidas e expulsas por grileiros e grandes fazendeiros sob a inoperância das políticas públicas, a fraca ação e mesmo a conivência de autoridades locais. Teimosamente, reafirmam seus modos de viver, produzir e interagir naquele ambiente, segundo os quais o Cerrado é um território de múltiplos saberes, sabores, temperanças e perfumes (Xakriabá, 2018).

No território do bioma Cerrado, existem atualmente 216 Terras Indígenas (TIs) – habitadas por 83 etnias –, das quais pouco mais de cem se encontram regularizadas

em 8.876.227 hectares, isto é, 4,35% desse bioma.¹⁵ As TIs apresentam baixos índices de desmatamento (MapBiomias, 2024, p. 76-84). Há também 44 comunidades remanescentes de quilombos, originadas por africanos e seus descendentes escravizados que ali se refugiaram desde o início do século XVIII. Um exemplo é o quilombo Kalunga, o maior do Brasil, em Goiás.¹⁶ Cerca de 11 mil quilombolas vivem em 262 mil hectares, próximos ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (241,5 mil hectares), à Área de Proteção Ambiental do Pouso Alto (872 mil hectares) e à Reserva Indígena Avá-Canoeiro (31,4 mil hectares). Plantam agroflorestas, cultivam abelhas nativas polinizadoras, pescam e caçam para consumo de subsistência, utilizam técnicas de rotação de cultivos sem uso de pesticidas e raramente empregam máquinas, seguindo regras estabelecidas pela própria comunidade. Tudo é feito para preservar o solo, as águas, a fauna e a vegetação nativas (Ungarelli, 2009, p. 10-26, 34-55).

Nessas extensões, os lobos-guará e outros animais encontram condições mais amigáveis junto a humanos que também lutam arduamente por sobrevivência, diante da pressão exercida pelo agronegócio, da precarização do trabalho e da homogeneização das paisagens. Essas terras ocupadas numa lógica diversa em relação ao meio biológico e físico não se caracterizam – diferentemente das grandes propriedades agroindustriais e da expansão urbana desenfreada – como sumidouro da vida silvestre assim que ela se arrisca para fora dos parques estaduais e nacionais. Se as unidades de proteção integral têm-se mostrado insuficientes para garantir a biodiversidade, quando intercaladas com terras indígenas, assentamentos agroecológicos, quilombos e áreas de proteção ambiental, passam a compor um extenso mosaico de corredores e refúgios. Nesse território, as histórias do lobo-guará interligam-se com as mais urgentes lutas políticas no Brasil, como a demarcação de terras indígenas e quilombos, a criação de leis que estendam a reserva legal de preservação da mata nativa dentro das propriedades no Cerrado (atualmente, é de apenas 20%), o fortalecimento dos órgãos ambientais, a priorização da vida sobre a

¹⁵ Funai, Assessoria de Comunicação, 2018. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/B3fMN>>.

¹⁶ Neepes/Ensp/Fiocruz, *Mapa dos Conflitos: injustiça ambiental e saúde no Brasil*. Disponível em: <<https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/go-comunidade-kalunga-quilombolas-ainda-em-busca-da-titulacao-plena-e-da-reconquista-de-suas-terras/>>. Acesso em: 28 ago 2024. Para o mapeamento das comunidades tradicionais do Cerrado, ver <<https://cerrados.org/mapapovos>>.

lógica do mercado de *commodities*, a limitação legal da qualidade e quantidade de pesticidas, assim como a adequação do descarte dos resíduos.

Há mais alianças vitais no horizonte do lobo-guará. A interação com médicos veterinários, biólogos da conservação e técnicos do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros (Cenap), órgão federal ligado ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), tem sido decisiva. Entre as muitas ações do Cenap, o Programa para a Conservação do Lobo-Guará, criado em 2004, atua no estudo das populações da espécie, com observação de características como dispersão dos jovens, saúde, genética, comportamento, área de vida e dieta. Os animais são submetidos a exames, recebem um colar com GPS e são monitorados em sua livre movimentação. Quando têm sarna, doença altamente contagiosa e potencialmente fatal, recebem tratamento. O programa também assiste animais atropelados ou vítimas de incêndios florestais. Nas comunidades locais, os pesquisadores e técnicos dialogam com moradores, oferecem oficinas de educação ambiental nas escolas, conversam com os fazendeiros e mediam conflitos. Uma das ações oferece a construção de galinheiros “à prova de lobos” em sítios, para impedir que esses animais devorem galinhas e outras aves domésticas, fato que poderia gerar retaliação por parte dos proprietários. Outra iniciativa é a vacinação dos cães domésticos dos moradores, a fim de evitar que se tornem agentes disseminadores de doenças entre os canídeos silvestres. Com os grandes fazendeiros, o Cenap negocia ações que possam proteger lobos monitorados que se arrisquem por grandes plantações, como suspender a colheita numa área do canavial onde uma loba pariu sua ninhada, esperando até que ela abandone o lugar (é possível monitorar essa movimentação graças aos colares com GPS). Pequenos documentários sobre a espécie integram a atividade itinerante “Cine Lobo”, com exposições para os moradores, ao ar livre, nas praças das vilas e cidadezinhas. Nas mídias sociais (Facebook, Instagram e YouTube, principalmente), o Cenap promove o projeto “Sou Amigo do Lobo”, divulgando suas ações, estimulando apadrinhamentos do projeto “Sem Sarna para se Coçar”, ensinando aos amantes das trilhas na natureza a não mexer em ninhadas que porventura encontrem pelos caminhos (campanha “Deixe o Bicho no

Mato”) e divulgando as emocionantes histórias dos vários indivíduos resgatados, curados, reintroduzidos e monitorados.¹⁷

Enfim, o Cenap tem uma história de duas décadas de atividades e programas voltados para a conservação do lobo-guará. Com relação a essa atuação, há dois pontos principais.

O primeiro refere-se à forma como ações ou comportamentos do lobo estimularam, desde o início, o envolvimento de muitos humanos e a construção de alianças. Humanos envolvidos nos projetos de conservação do lobo-guará descrevem seus encontros com o lobo e como foram profundamente afetados ao se descobrirem objeto de curiosidade do animal, especialmente pela troca de olhares. Um encontro com o lobo-guará numa trilha do Cerrado, cerca de duas décadas atrás, levou o maior especialista nesse animal a decidir dedicar sua vida, seu tempo e seus esforços à conservação da espécie (Paula, 2020a; Paula, 2020b). Outro biólogo descreve a aproximação de uma loba enquanto coletava dados das armadilhas fotográficas no Parque Nacional da Serra da Canastra, Unidade de Proteção Integral onde vive a maior população de lobos-guará no Cerrado brasileiro. Eram 6 horas da manhã; a loba aproximou-se, olhou-o nos olhos, cheirou os pneus da sua moto, afastou-se um pouco, comeu frutas caídas no chão, deixando-se fotografar. Se, no passado, o impacto do olhar do lobo-guará ligou-se à posse de seus olhos como amuleto, eis que, em tempos de novas sensibilidades ambientais, o olhar do lobo sobre os humanos desencadeia neles um afeto transformador e arrebatava-os como aliados:

Ela me olhava de vez em quando como se nos comunicássemos. Era um momento de conexão única entre um humano e uma loba-guará. Ficamos juntos por cerca de 15 minutos. Quando ela finalmente escolheu seguir seu caminho, eu soube que havia vivido algo extraordinário.¹⁸

O segundo ponto representa uma mudança crucial: a disposição dos biólogos para a conservação do Cerrado por uma abordagem holística da preservação,

¹⁷ Consultar: <https://www.icmbio.gov.br/cenap/o-que-fazemos/projetos-de-pesquisa.html>; <https://www.youtube.com/@amigodolobo>; @amigodolobo (Instagram e Facebook).

¹⁸ Criscoulo, Esler, post de 24 de setembro 2023. Disponível em: <<https://www.facebook.com/amigodolobo>>.

afastando-se do anti-humanismo de tantos projetos de conservação da vida silvestre no passado, nos quais a ideia de uma natureza intocada alimentava preconceitos em relação às comunidades locais (Diegues, 1998: 1-9; Guha, 1997: 14-20). De forma inovadora, muitos pesquisadores do lobo-guará vêm destacando a importância de dialogar com comunidades rurais, reforçando que “as pessoas não são o problema, mas parte da solução, e suas crenças, valores e culturas precisam ser levados em conta nos programas de conservação” (Consorte Mc-Crea, 2014: 46). As diversas alianças entre humanos e lobos-guará passam a figurar como a garantia do sucesso da luta contra a extinção dessa espécie ameaçada e da rede vital que ela mobiliza ativamente.

CONCLUSÃO

Chrysocyon brachyurus é uma espécie endêmica dos campos, das savanas e das planícies alagadas da América do Sul. Inicialmente nomeado *aguará-guazú* por indígenas guaranis, o animal foi incluído erroneamente por naturalistas europeus no gênero *Canis* (o mesmo dos lobos cinzentos) e assim permaneceu até 1916. Sua especificidade foi finalmente estabelecida, mas a pecha secularmente atribuída aos lobos já pesava indelevelmente sobre o animal.

A história profunda de *C. brachyurus* evidencia a longevidade da espécie, originária de canídeos que surgiram há milhões de anos na América do Norte. Participou da história biogeológica da América do Sul e foi construído por/construtor da história de campos e savanas numa intrincada conexão de plantas, animais, solos e águas, muito antes de pés humanos palmilharem essas vastas extensões.

A grande invasão pelos europeus desde fins do século XV acarretou transformações profundas na lógica e no ritmo de ocupação da terra por outros bichos e plantas, em paisagens crescentemente homogêneas, com especial aceleração das mudanças desde o último quartel do século XX. A figura enigmática do lobo gerou representações que lhe atribuíam, simultaneamente, poderes positivos (proteção contra cobras, amuleto para os desejos) e negativos (vinculação à malignidade e à violência). Perseguidas, acuadas em seus territórios, as populações de lobos-guará diminuíram.

A partir dos anos 1970, novas sensibilidades, interesse científico e leis ambientais promoveram o lobo-guará a espécie a ser protegida. As lutas dos povos tradicionais reafirmam modos de vida nos quais esse animal – junto a uma miríade de *outros-que-humanos* – encontra um ambiente mais propício e amigável. A espécie impressiona cientistas e conservacionistas pelas estratégias criadas na luta pela sobrevivência, pela capacidade para mobilizar alianças com sua presença e seu olhar magnéticos. Na Serra do Caraça, sua aliança aos padres reavivou as atividades religiosas, abriu o turismo ecológico e vem propiciando ações de preservação. Num mundo de extensões de cana, soja, milho e pastagens para gado, cidades, estradas, infraestruturas, incêndios criminosamente provocados e contato com animais domésticos e seus patógenos, o lobo-guará conquistou o status de símbolo do Cerrado.

A história de Canelinha ilustra bem as encruzilhadas da espécie. Salvo de um incêndio em 2021 por um agricultor, foi entregue ao Cenap, onde passou por um longo processo de capacitação à vida livre. Em abril de 2023, foi solto numa fazenda que o abrigou entre cultivos e matas nativas. Viveu 16 meses em liberdade, extrapolou os limites da fazenda – é provável que se tenha reproduzido –, mas contraiu escabiose e não resistiu, falecendo em agosto de 2024. Tanto sua soltura como sua morte causaram forte comoção na comunidade científica e nos muitos seguidores das mídias sociais – inclusive esta autora – que veiculavam suas imagens e seus vídeos.

Canelinha é um exemplo de que as histórias dos lobos-guará não são lineares, nem progressivas, nem necessariamente otimistas. São, contudo, histórias de criatividade, luta, persistência e encontros. O lobo-guará persiste na construção de suas trilhas em largos horizontes, agente indispensável na busca de alianças.

REFERÊNCIAS

Ab'Saber, Aziz (1977), “Espaços ocupados pela expansão dos climas secos na América do Sul”, *Paleoclimas* 3:1-19.

Anchieta, José de ([1554-1594] 1933). *Cartas Jesuíticas*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

- Avila-Pires, Fernando (1965), "The Type Specimens of Brazilian Mammals Collected by Prince Maximilian zu Wied", *American Museum Novitates* 2209, pp. 1-4.
- Azara, Felix de (1802). *Apuntamientos para la historia natural de los quadrupedes del Paraguay y Río de la Plata*. Madrid, Imprenta de la Viuda de Ibarra.
- Balieiro, Flora; Monticelli, Patrícia (2018), "Evidence of Individual Discrimination in the Maned Wolf Long-Distance Extended-Bark", *Behavioural Processes*, 158, pp. 219-227.
- Barnovky Anthony; Lindsey, Emily (2010), "Timing of Quaternary Megafaunal Extinction in South America in Relation to Human Arrival and Climate Change", *Quaternary International*, 217(1-2), 10-29.
- Beccareci, Marcelo (2015), "Primeros estudios sobre el *C. brachyurus* en Argentina", En Orozco, Marcela et al. (eds) *El Aguará Guazú en Argentina*,. Buenos Aires, Fundación de História Natural Felix de Azara, pp. 15-20.
- Burton, Richard (1869) *The Highlands of the Brasil*. Vol. II. London, Tinsley Brothers.
- Cabral, Diogo (2014), *Na presença da floresta*. Rio de Janeiro, Garamond.
- Cartes, José et al. (2014), "The Maned Wolf in Paraguay", En Consorte-McCrea, Adriana; Santos, Eliana (eds.), *Ecology and Conservation of the Maned Wolf*, New York, CRC Press, pp. 235-247.
- Cavassan, Osmar; Weiser, Veridiana (2020), Eugen Warming: um dinamarquês desvenda o Cerrado brasileiro", *Filosofia e História da Biologia*, 15(2), pp. 179-193.
- Cione, Alberto et. al. (2015), *The Great American Biotic Interchange*. London, Springer.
- Cockram, Sarah; Wells, Andrew (2018), "Action, reaction, interaction in historical animal studies", En Cockram; Wells (eds.), *Interspecies Interaction*, New York, Routledge, pp. 1-14.
- Consorte-McCrea, Adriana (2014), "Relationships Between the Maned Wolf and People", En Consorte-McCrea, Adriana; Santos, Eliana (eds.), *Ecology and Conservation of the Maned Wolf*, New York, CRC Press, pp. 35-52.
- Cuvier, Georges (1817), *Le règne animal distribué d'après son organisation*. Tomes I e IV. Paris, Imprimerie de A. Belin.
- Desmarest, Anselme-Gaëtan (1820), *Mammologie*. Paris, Veuve Agasse Imprimeur Librairie.
- Diegues, Antonio Carlos (1998), *The Myth of Untamed Nature*, São Paulo, NUPAUB.
- Dietz, James (1984), "Ecology and Social Organization of the Maned Wolf", *Smithsonian Contributions to Zoology*, 302, pp. 1-51.

- Dietz, James (1985), “*Chrysocyon bracyurus*”, *Mammalian Species*, 234, pp.1-4.
- Duarte, Regina; Ostos, Natascha (2020), “As Minas Gerais: gentes e bichos”, En Meneses, José Newton (org.) *Orbe e Encruzilhada*, Belo Horizonte, UFMG.
- Dutra, Sandro (2023) “Ecological Ideas and Historical Constructon of the Brazilian Cerrado,” En Vergara, Angela (ed.), *Oxford Research Encyclopedia: Latin American History*, <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780199366439.013.1021>
- Egger, Daniela et al. (2021) “Ecocídio nos Cerrados: agronegócio, espoliação da água e contaminação por pesticidas”, *Desenvolvimento e Meio Ambiente* 57 (2), pp. 16-54.
- Eiras, Jorge et. al. (2021), “*Diocetophyme renale* Parasitic in Mammals Other than Humans”, *Parasitology International* 81 (102269), pp. 1-31.
- Ferreira, Alexandre Rodrigues (1972), *Viagem Filosófica pelas capitanias do Grã Pará*, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, Brasília, Conselho Federal de Cultura.
- Fontoura-Rodrigues, Manoel; Eizirik, Eduardo (2014) “Evolutionary and Conservation Genetics of the Maned Wolf”, En Consorte-McCrea, Adriana; Santos, Eliana (eds.), *Ecology and Conservation of the Maned Wolf*, New York, CRC Press, 77-85.
- Fugassa, Martin et. al. (2013), First Paleoparasitological Record of a diocetophymated Egg”, *Acta Tropica* 128 (1), pp. 175-177.
- Gasparri, Barbara, José Athor; Ávila, Monica (2017), *Felix de Azara*, Buenos Aires, Fundación de Historia Natural Félix de Azara.
- Gigliotti, Marcela et al. (2023) “Attractiveness of Dung Beetles to feces from native mammals”, *Austral Ecology* 48, pp. 102-120.
- Guha, Ramachandra (1997), “The Authoritarian Biologist and the Arrogance of Anti-Humanism”, *The Ecologist* 27 (1), pp 14-20.
- Harraway, Donna (2008), *When Species Meet*, Minneapolis, University of Minnesota Press.
- Hernandez, Francisco (1651). *Nova plantarum, animalium et mineralium Mexicanorum historia*, Roma, Sumptibus Blasij Deuersini.
- Illiger, Johann ([1811] 1815), “Ueberblick der Säugthiere nach ihrer Verteilung über die Welttheile”, *Abhandlungen der physikalischen Klasse der Königlich-Preussischen Akademie der Wissenschaften* 1804-1814, pp. 39-160.
- Langsdorff, Georg (1997), *Diários de Langsdorff*. Danuzio Gil Bernardino da Silva (org). vol. II. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz.
- Lenka, Karol (1958), “Couro de lobo e picada de cobra”, *Chácaras e Quintais* 98 (5), p. 616.

Mapbiomas (2023), “Áreas urbanizadas no Brasil 1985-2022”, Coleção 8, chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://brasil.mapbiomas.org/wp-content/uploads/sites/4/2023/10/FACT_Areas-Urbanas-no-Brasil_31.10_v2.pdf

Mapbiomas (2024), “Infográfico Cerrado 1985-2023”, Coleção 9, https://brasil.mapbiomas.org/en/

Marshall, Larry (1988), “Land Mammals and the Great American Interchange”, *American Scientist* 76 (4), pp. 380-388.

Motta-Junior, José Carlos et al. (2014), “Feeding Ecology: A Review”, En Consorte-McCrea, Adriana; Santos, Eliana (eds.), *Ecology and Conservation of the Maned Wolf*, New York, CRC Press, pp. 87-98.

Muir, Matthew; Emmons, Louise (2012), “Conservation: The Maned Wolves of Noel Kempff Mercado National Park”, *Smithsonian Contributions to Zoology*, 639: pp. 91-116.

Neves, Walter; Hubbe, Mark (2005) “Cranial morphology of early Americans from Lagoa Santa, Brazil,” *PNAS* 102(51) https://www.pnas.org/doi/epdf/10.1073/pnas.0507185102

Osgood, Wilfred (1919), “Names of Some South American Mammals”, *Journal of Mammalogy*, 1 (1), p. 33-36.

Paula, Bruna (2021), “Maned Wolf Duet?”, *Academia Letters*, article 1720, 5 p. https://doi.org/10.20935/AL1720

Paula, Rogério Cunha de; Gambarini, Adriano (2013), *Histórias de um lobo*. Vinhedo, Avis Brasilis.

Paula, Rogério Cunha de; Desbiez, Arnaud (2014) “Maned Wolf Population Viability”, En Consorte-McCrea, Adriana; Santos, Eliana (eds.), *Ecology and Conservation of the Maned Wolf*, New York, CRC Press, pp. 15-33.

Paula Rogério Cunha de (2016) “Adequabilidade ambiental dos biomas brasileiros à ocorrência do lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*)”. PhD Tese, Piracicaba, Escola Superior de Agricultura da Universidade Estadual de São Paulo.

Paula, Rogerio Cunha de (2020a), “Bicho #052: lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), 50 min. En Perilli, Miriam (org) *Que bicho é esse?* Podcast Spotify/Ciência.

Paula, Rogério Cunha de (2020b), “Gigantes da conservação”, 1h40 min, En Miranda, Flavia (org) Instituto Tamanduá Youtube Channel, https://youtu.be/4SeP9wuy1gU?si=WZQ7nmJnV6lsQTXo consultado 21 agosto 2024.

Prates, Paulo (2008), “Diversidade genética e história evolutiva do lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*)”. PhD Tese, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica.

- Mapbiomas (2024) Relatório Anual do Desmatamento no Brasil em 2023, <http://alerta.mapbiomas.org>
- Rocha, Luciana, et al. (2017), “Temporal and Environmental Influences on Long-Distance Calling by Free-Ranging Maned Wolves,” *Journal of Mammalogy* 98 (10): 302-311.
- Pearson, Chris (2015), “Beyond ‘Resistance’: Rethinking Nonhuman Agency for a ‘More-than-human’ World,” *European Review of History*, 22 (5), pp.709-725.
- Queirolo, Diego et al (2011), “Historical and Current Range of the Near Threatened Maned Wolf”, *Oryx* 45 (2), 206-303.
- Queirolo, Diego et al. (2014) “The Maned Wolf in South Brazil and Uruguay”, En Consorte-McCrea, Adriana; Santos, Eliana (eds.), *Ecology and Conservation of the Maned Wolf*, New York, CRC Press, pp. 193-202.
- Roosevelt, Theodore (1914), *Through the Brazilian wilderness*. New York: Charles Scribner’s Sons.
- Rosa, João Guimarães ([1956] 1994), *Grande Sertão, Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar.
- Saint-Hilaire, Auguste de (1847). *Voyages dans l’interieur du Brésil, Troisième Partie*. Paris, Arthus Bertrand.
- Saint-Hilaire, Auguste de ([1844] 1937), *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás*, vol.2. São Paulo, Cia Editora Nacional.
- Sillero-Zubiri, Claudio (2014). “The Canidae Family, Setting the Scene for Maned Wolf Conservation”, En Consorte-McCrea, Adriana; Santos, Eliana (eds.), *Ecology and Conservation of the Maned Wolf*, New York, CRC Press, pp. 3-14.
- Silveira, Leandro et al. (1997), “Hunting Association Between the *Falco femoralis* and the *C. brachyurus* in Emas National Park, Brazil”, *The Condor* 99, p. 201-202.
- Soler, Lucia (2014), “Maned Wolf in Argentina”, En Consorte-McCrea, Adriana; Santos, Eliana (eds.), *Ecology and Conservation of the Maned Wolf*, New York, CRC Press, pp. 203-220.
- Smith, Charles (1839). “*Chrysocyon*: the aguará wolves”, in Jardine, William (ed.), *The Naturalist Library*, v. IX. Edinburgh: W. H. Lizars, p. 241-244.
- Spix, Johann Von; Martius, Karl Philipp Von (1824), *Travels in Brazil - 1817-1820*. London, Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown, & Green.
- Tedford, Richard et. al. (2009), “Phylogenetic Systematics of the North American Fossil Caninae”, *Bulletin of the American Museum of Natural History* 325, pp. 1-218.

Ungarelli, Daniela (2009), *A comunidade Quilombola Kalunga do Engenho II: cultura, produção de alimentos e ecologia de saberes*. Dissertação de mestrado, Brasília, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília.

Warming, Eugen, (1908), *Lagoa Santa: Contribuições para a Geographia Phytobiologica*. Bello Horizonte, Imprensa Official.

Webb, David (1991), "Ecogeography and the Great American Interchange", *Paleobiology* 17(31), pp. 266-280.

Wied-Neuwied, Maximilian Von ([1820]1940), *Viagem ao Brasil nos anos de 1815-1817*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

Wied-Neuwied, Maximilian Von (1826), *Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien*, v.2. Weimar, Saugethiere.

Xakriabá, Celia (2018), *O barro e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá*. Brasília, Dissertação de Mestrado Profissional em Sustentabilidade Junto a Povos e Terras Tradicionais, Universidade de Brasília.

Maned Wolf, The Explorer: Coexistence and Conflicts in the Brazilian Cerrado

ABSTRACT

The history of the maned wolf, a species endemic to the grasslands and savannas of South America, is intertwined with that of other living beings and the physical environment in a time frame that goes beyond the human presence on the continent. This article refers to this deep history, focusing on the multiple relationships of the species *Chrysocyon brachyurus* in the Brazilian Cerrado. The sources include naturalist reports, scientific articles, newspapers, literature, and social media. A solitary and elusive animal, the maned wolf constitutes and is constituted not only by the environment surrounding it but also by its countless relationships, survival strategies, and alliances. Its most recent trajectories and agencies illustrate the challenges and crossroads of the struggle for life in a time of destructive acceleration.

Keywords: maned wolf; *Chrysocyon brachyurus*; Canids' natural history; coexistence in the biome Cerrado.

Recibido: 21/10/2024
Aprovado: 14/01/2025